

A VENERÁVEL SDD SÍLVIA CARDOSO  
E A RENOVAÇÃO DO CATOLICISMO EM PORTUGAL  
(1917-1950)

I

“A GRANDE APÓSTOLA DE PORTUGAL”

1. Três meses após a morte de Sílvia Cardoso, em Fevereiro de 1951, escreveu o P. Sebastião Pinto da Rocha, S. J., um resumo do que ela foi e fez. Tem por título *A grande Apóstola de Portugal*. Nele invoca o conhecimento íntimo que teve da sua vida espiritual, pois lhe ouviu confidências e consultas durante mais de vinte anos, e “pode atestar que a fonte de inspiração desta mulher forte não era, a seu ver, a sua reflexão, mas a oração e o seu amor inflamado a Deus”. Apelida-a de “extraordinária figura de mulher e de apóstola, que foi popularíssima”, “uma discípula perfeita, uma apóstola incomparável do SS. Coração de Jesus”<sup>1</sup>

Os dois cruzaram-se mais proximamente nos caminhos do apostolado cristão, a partir de 1926-27, na cidade do Porto. Sílvia Cardoso já tinha iniciado a sua actividade sócio-caritativa, na vila de Paços de Ferreira, em 1918, e de evangelização, em 1923, sob a orientação do P. António Vaz Serra, S. J., exilado como todos os jesuítas, em Espanha, e que já conhecia desde 1910.

Andava por esse tempo o P. Vaz Serra em anseios de promover a restauração religiosa de Portugal, por meio dos Exercícios Espirituais de S.to Inácio. Já lhe tinha proposto, na sequência do seu retiro espiritual, feito em 1 de Abril de 1917, na cidade de Tuy e do voto de castidade perpétua que fizera perante si, que se empenhasse na obra dos retiros para leigos, a fim de combater a ignorância religiosa e promover a vivência da Fé. Mas verifica, pouco depois, que os tempos

---

<sup>1</sup> P. S. P., *A grande Apóstola de Portugal*, em “*Mensageiro do Coração de Jesus*”, ano 69, nº 810 (1951) 77-80.

ainda não estavam maduros. Que empregasse os recursos disponíveis naquilo que o Senhor lhe inspirasse. Era preciso preparar o terreno. Veio a fazê-lo o P. Sebastião Pinto da Rocha, S. J., depois de ter sido nomeado Promotor nacional da Liga da Acção Social Cristã, a partir de 1922, através da qual passou a promover retiros abertos, quer para senhoras, quer para jovens, nomeadamente na cidade do Porto.

Sílvia volta a Tuy a fazer os Exercícios Espirituais, em 1922, e o P. Vaz Serra propõe-lhe, então, a fundação de uma casa onde os Exercícios Espirituais viessem a ser dados de modo permanente. Reconhecendo quanto bem tinha recebido através dos Exercícios e aproveitando os bens legados pelo seu noivo, ela aceita a proposta e prepara a casa de Sequeiros (Lodares, Lousada) para aí instalar a primeira casa de Retiros fechados para leigos, depois da expulsão das Ordens Religiosas em 1910. É inaugurada em 21 de Janeiro de 1923, tendo sido nomeado Director dos Exercícios o P. Vaz Serra, que nesse ano actuou em 16 turnos, com um total de 575 pessoas de todas as condições sociais e culturais. Os frutos eram maravilhosos, no sentido do aprofundamento da Fé e da conversão de vida.

Sílvia exercia a função de dona de casa e organizadora dos retiros. Recrutava colaboradores para os serviços domésticos e para o aconselhamento espiritual dos retirantes. Dirigia os convites, quer pessoalmente, quer por intermediários, e divulgava a sua utilidade. Aos convidados não exigia pagamento prévio de despesas, mas apenas que contribuíssem, no fim, com o que lhes fosse possível. Tudo corria a expensas suas. Por isso, muitas vezes se viu em dificuldade, mas confiava na Providência; orava, e o dinheiro acabava por aparecer, por vezes de modo inesperado e maravilhoso. Surgiram oposições, quer do meio eclesiástico, quer do meio político. Mas a tudo respondia com franqueza e humildade, ora obedecendo à Hierarquia, ora encontrando soluções alternativas.

Assim manteve sempre, na diocese do Porto, uma casa de Retiros fechados para leigos, desde 1923 (a primeira), até à morte (1950), embora mudando de

localização, por dificuldades surgidas: Sequeiros em Lodares (Lousada), Gandra (Paredes), Guilhufe (Penafiel), Rua do Falcão (Porto).

Mas não se confinou à sua diocese e às suas casas: estendeu esta obra de evangelização do norte ao sul do país, quer por iniciativa pessoal, quer a convite da Hierarquia, e sempre com colaboradores dedicados que suscitava: desde Viana, Braga, Trás-os-Montes, até Elvas e Estremoz, passando por Coimbra e Évora: ora em casa própria de modo estável, ora em hotéis e em casas particulares, ocasionalmente disponibilizados para o efeito.

Além da casa na diocese do Porto, as mais duradouras foram a da Quinta do Bosque, na Amadora (de 1937 a 1947) e a de Elvas desde 1936, entregue após a instalação, ao grupo de colaboradoras dirigido por D. Maria Caldeira. A obra dos Retiros foi a sua obra preferida, embora sempre acompanhada pelas obras Sócio-caritativas; foi a que mais consolações dava, pois o seu grande anseio era a salvação das almas, a *Obra de Jesus*, toda de Amor e Misericórdia, que na fase final se transcendentalizaria, por aprofundamento teológico-místico, na *Obra do Amor*, Amor que é Deus em Obra, Amor eterno na vida da Trindade Santíssima e manifestado na Obra da Criação e da Salvação, pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo – Mistério de Deus “visto” e tornado quase obsessão mística.

### *Três acontecimentos místicos em 1917*

1. Este chamamento e consagração ao apostolado cristão de Sílvia Cardoso não é isolado nem único, neste período histórico em Portugal. Surge no ano de 1917 acompanhado de outros, só posteriormente reconhecidos como contemporâneos e englobados num plano providencial de renovação do Catolicismo e de restauração da Igreja, em Portugal<sup>2</sup>.

Este ano de 1917 marca a transição da primeira República, laicista e perseguidora da Igreja, para a *República nova* de Sidónio Pais, que tomou as

---

<sup>2</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima*, Santuário de Fátima, 2ª ed., 2014, p. 71-84.

primeiras medidas de conciliação, depois da Lei de Separação, de 1911. A organização dos católicos no plano social e político começava a fazer sentir o seu peso. E nesses movimentos começam a surgir grupos mais empenhados, que procuram acompanhar a acção social de um aprofundamento de Fé, de uma espiritualidade mais exigente e adaptada às necessidades da época, levando a uma entrega total ao amor de Cristo, no sacrifício pessoal e na imolação reparadora, inspirada na devoção ao Coração de Jesus e actuante no Apostolado da Oração.

Assim vemos expandir-se no Porto a Liga de Acção Social Cristã (fundada em 1902 pelo P. Fernandes Santana, S. J.,) por acção do P. Sebastião Pinto da Rocha, S. J., seu Promotor nacional desde 1922, e dentro dela surge um grupo de senhoras, que sonha com uma nova família religiosa, a Obra de Adoração e Reparação, guiada pelo ideal da oração e da imolação reparadora, incluindo o voto de vítima, como um quarto voto. Tal acontece a partir de 1924, já sob o impulso da mensagem de Fátima.

Três acontecimentos místico-proféticos marcam decisivamente este ano de 1917, em Portugal, enquanto dinamizadores da vida da Igreja e da sua restauração.

O primeiro é, sem dúvida, o acontecimento-mensagem de Fátima, com os tópicos de oração, sacrifício e conversão dos pecadores e da devoção ao coração Imaculado de Maria. A 13 de Maio, dá-se a primeira aparição de N. Senhora e, a 13 de Outubro, a última, confirmada pelo *milagre do Sol*. Fátima tornou-se um acontecimento não apenas de alcance local, mas verdadeiramente universal, para a Igreja e para o mundo.

O segundo acontecimento: Sílvia fizera o seu voto de castidade perpétua e consagração ao Amor de Cristo no dia 1 de Abril anterior à primeira aparição, em Tuy, perante o P. Vaz Serra. Cedo despertou nela a consciência desta providencial proximidade de datas – pelo menos desde 1928. Desta consagração brotou a sua

torrente de actividade apostólica, alargando-se a grande parte do país, e a todos os sectores da vida da Igreja.

O terceiro acontecimento: no mesmo ano de 1917, a 17 de Outubro, o Coração de Jesus manifestou a Maria da Conceição Pinto da Rocha, irmã do P. Sebastião, o grande segredo que ela guardou consigo até 1930: “queria que ela fosse mãe duma congregação religiosa de almas vítimas de reparação”<sup>3</sup>

Ela guardou o segredo. Mas inspirou-se nele para promover, a partir de 1924, a Obra de Adoração e de Reparação, depois conhecida como Obra de Cedofeita, da qual brotariam duas congregações religiosas femininas (1931 e 1965), que muito contribuíram para a renovação da Igreja em Portugal.

Na verdade, é significativo que, destes três acontecimentos místicos-proféticos, tenham surgido, como de fonte sobrenatural inspiradora, várias congregações religiosas femininas que tiveram grande influência na vida da Igreja em Portugal e algumas, em terras de missão.

Inspiradas na mensagem de Fátima surgiram a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima, em Santarém, ano de 1923 e a Congregação das Religiosas Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima (Reparadoras de Fátima), em 1926, em Fátima.

Inspiradas na devoção ao S. Coração de Jesus, surgiram a Congregação das Missionárias Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, fundada no Porto, em 1931, e a Congregação das Irmãs Reparadoras Missionárias da Santa Face, fundada em Lisboa, em 1965, ambas derivadas de um projecto comum, Obra de Adoração e Reparação, iniciado na diocese de Leiria, em 1926, e sediada no Porto em 1927, com o nome de Obra de Cedofeita.

Todas as quatro têm em comum o ideal da oração, da reparação e da conversão dos pecadores. Uma quinta, a Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, foi fundada pela Madre Maria Isabel da SS. Trindade, em

---

<sup>3</sup> Joaquim Abranches, S. J., D. Maria da Conceição Pinto da Rocha, Braga: Editorial A. O., 1982, p. 85.

Elvas, em 1955 e tem inspiração mariana, a devoção à Imaculada Conceição, juntando o serviço aos pobres e a evangelização.

*Sílvia Cardoso e as Congregações religiosas nascentes*

1. Sílvia Cardoso teve intervenções decisivas, mais directa ou indirectamente, na origem de três destas Congregações religiosas: as duas inspiradas na devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a última de inspiração mariana.

As duas primeiras nasceram do tronco comum que foi a Obra de Adoração e de Reparação, ou Obra de Cedofeita, que se cindiu em 1930, por causa da não inclusão do voto de vítima, um quarto voto, nas Constituições aprovadas. Sílvia mantém-se fiel à inspiração primeira, em união com Maria da Conceição, e chega a sonhar com um ramo apostólico da *Obra de Jesus*, como passou a chamar-lhe, encarregado dos Retiros para leigos e para as missões no mundo cristão. Mais tarde veio a dar-lhe o nome de *Filhas da Cruz e Missionárias do Coração misericordioso de Jesus e Maria*. Nunca viu concretizado este projecto, permanecendo no estado laical.

A originalidade da sua inspiração mística, ou seu carisma, é a junção da devoção ao Coração Imaculado de Maria, na sequência da mensagem de Fátima, à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, vinda das aparições de S.ta Maria Margarida Alacoque e difundida pela Companhia de Jesus. Esta junção começa a manifestar-se e a ser comprovada em 1928, quando inicia a sua intervenção a favor da passagem da Comunidade de Cedofeita para a Casa Amarela, que pôs à sua disposição, depois de comprada e adaptada. Vinda de Tuy, onde fora tratar do assunto, vai inesperadamente a Fátima e aí consagra a Obra a Nossa Senhora; e em 1937, escreve numa estampa de Nossa Senhora: *O centro da Obra: o Coração Imaculado de Maria*<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Summ. P. 449, nº 198.  
(Vide nota página 18).

A intervenção na origem das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres foi indirecta. Em 1936, a convite do Arcebispo de Évora, instalou uma casa de Retiros em Elvas e aí exerceu intenso apostolado de evangelização e caridade. De acordo com o Arcebispo, convidou D. Maria Caldeira para assumir a direcção da casa. O núcleo de colaboradoras foi o gérmen de uma nova Congregação, associando à devoção à Imaculada Conceição o pendor social e caritativo, que Sílvia sempre associava às suas casas de Retiros.

A sua colaboração com as Congregações religiosas estendeu-se, várias vezes, às já constituídas, como as Irmãs Reparadoras de Fátima, em momentos de dificuldade e carência (durante a segunda guerra mundial), ou na sua instalação e abertura de um patronato no Freixo, cidade do Porto; e com as Irmãs Carmelitas, para a sua instalação na Diocese de Bragança; e também com os Seminários de Évora, patrocinando o ingresso e formação de alguns candidatos ao sacerdócio<sup>5</sup>.

Mas não se limitou o contributo de Sílvia Cardoso para a restauração da Igreja em Portugal a este nível de institutos religiosos. Foi mais extenso e intenso, abrangendo todos os estados e obras da Igreja. O complexo da Quinta do Bosque é o espelho da sua quase utopia da “Obra do Amor”, tornada universal, querendo estendê-la a todos os seus membros. Aí chegou a pensar numa obra de amparo para sacerdotes, o patronato para as crianças criou e o Instituto de Santa Ana para as famílias; e, principalmente, depois de 1937, aceitou estar ao serviço da Acção Católica, organização laical de apostolado privilegiada pelo Episcopado, procurando ser a alma da mesma, através da Obra de Retiros.

Foi constante o seu recrutamento de colaboradores para as suas obras sociais e para as casas de Retiros, onde muitos descobriram a sua vocação para o apostolado cristão e mesmo para a vida religiosa. As obras que fundava, quando tivessem condições de sustentabilidade, entregava-as a colaboradores dedicados,

---

<sup>5</sup> Cf. Uma Vida para os Outros, Sílvia Cardoso, Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 1998, p. 249, 243.

sem nunca as abandonar. E sabia colaborar nas obras iniciadas por outros, muitas vezes por estímulo seu; era o *furão de Deus*, como às vezes dizia.

O carácter laical da sua acção e até da sua vocação para o apostolado é patente na primeira associação em que se integrou – a Liga dos Servos de Jesus, fundada na diocese da Guarda por D. João de Oliveira Matos, Bispo auxiliar, a 9.6.1924, e aprovada pelo Bispo diocesano em 1925. Nesse dia, a sua Obra de Retiros, aberta no ano anterior (21.1.1923), foi consagrada por D. João, o *Precursor escolhido*, que a apresentou a Jesus. Sílvia Cardoso inscreveu-se então na Liga, juntamente com o cunhado (D. José de Lencastre): “Enquanto ‘Servos’, fomos os primeiros, José e Sílvia”<sup>6</sup>.

A partir de 1928, integrou-se, como membro externo, na projectada congregação religiosa inspirada por Maria da Conceição e chegou a sonhar com um ramo apostólico da mesma, que passou a denominar *Filhas da Cruz e Religiosas Missionárias do Coração misericordioso de Jesus e de Maria*.

Foi depois de longo sofrimento e luta interior, que abandonou o projecto de uma Congregação religiosa, para se consagrar de alma e coração à animação da Acção Católica, como leiga consagrada, por votos privados, no mundo.

Assumiu que as Filhas da Cruz, como as Servas de Jesus, estavam chamadas a ser a alma da Acção Católica; e começou a universalizar e transcendentalizar a “Obra de Jesus” como “Obra do Amor”, que nascida da vida intratrinitária de Deus, que é Amor, se manifesta na Obra de Jesus e da Igreja por Ele instituída, recebendo daí a sua unidade, a sua transcendentalidade e força salvadora. A Obra do Amor, que é Deus em Obra, manifestada na Obra de Jesus, deve unificar todas as Obras da Igreja em Portugal e no mundo inteiro.

### *A vocação laical nos seus escritos espirituais*

---

<sup>6</sup> Summ. p. 369, n. 23.



1. Algumas passagens do seu Diário espiritual marcam esta vocação laical, que acabou por vencer e estabilizar, depois do convite do Patriarca de Lisboa, para instalar a casa de Retiros, na Quinta do Bosque, Amadora, em 1932, primeiro, e para assumir, depois, a sua direcção em 2.2.1937, a fim de ser a alma da Acção Católica, o que faz generosamente até 1945. Nessa altura, o Patriarca entendeu conveniente entregar a direcção da casa de Retiros à Acção Católica, dando-lhe um rumo algo diferente, mais especializado, não aberto a todas as necessidades do corpo ou do espírito, casuisticamente.

Sílvia retirou-se para o Norte e continuou o seu apostolado dos Retiros e de caridade: ajudou a fundar o Lar das Raparigas no Porto (1946); o patronato da Sagrada Família, e a reorganização do Internato Alves de Magalhães, em Penafiel (1946-1947); fundou o Patronato da divina Providência, em Espinho (1947). E, já gravemente doente, (1950), apadrinhou a fundação de duas obras de protecção à mulher em dificuldade, uma no Porto (Lar de Santa Rita), e outra em Lisboa (Obra do Resgate).

Estas mudanças são acompanhadas, misticamente, por recordações da sua vida passada, interpretadas à nova luz do presente e revelam sempre a sua submissão total e sacrificada à vontade de Deus, tal como se expressava através dos seus representantes na terra.

Assim, em 9.12.1945, fazendo a história da sua consagração ao Amor de Cristo, como leiga:

“No sonho mais lindo e mais divino, o Amor visto, num jardim de flores; em vários tons e cores; para o sonho do Amor em realidade ser tornado.

No dia de S.ta Rita Marcado; para em Cecília, em núpcias celestes, o Amor ser visto; às eternas unidas (Na morte que a vida traz) Na virgem S.ta Inês. A abertura da Obra dos Exercícios em casa própria, no ano de 1923 pela aliança, no dedo metida, a 1 de Abril de 1917 na Casa de Noviciado, das Doroteias, em Tuy. Em realidade viva o Amor entregue, ao Coração de Cristo, em gravura grande, nesse dia pelo Director o Snr. P.e Vaz oferecida, no acto de consagração para o

sopro divino pelo mesmo Coração ser dado, para em Obra ser vista a Obra, na sua Igreja marcada; em Noivado místico a tua alma e a minha! A Deus unidas num só Amor! O d'Ele em Obra; a fazer a sua Obra em nós, O Amor! Deus! A Obra!”<sup>7</sup>.

Em 1937, na hora de mudar de rumo na sua actividade apostólica, assumindo a direcção da casa de Retiros da Quinta do Bosque, em colóquio-meditação:

“Senhor, sou vossa e quanto mais me avizinho de Vós, mais miséria vejo em mim (...) Miséria extrema, sou levada por Vós, como a corrente que escorre sem se dar conta (...) Ela não vê o termo, mas tem um fim, e procede sempre devagar. Estais abrindo um novo caminho. Trouxeste-me aqui, determinando os passos que devo seguir. (...) Todos serão feitos por permissão vossa!”

— “Filha minha quero-te dócil como a cera, que se modela e toma forma na mão do senhor quando é aquecida. Naquela gruta bendita, fiz-te ver a tua missão. Naquelas velas acesas, ardia a imolação do teu ser e a consagração do teu nada, aos pés da Virgem, como aquele pavio que se consumia! Embora no mundo, dizias adeus ao mundo. Vivendo no mundo, morrias para ele e dele desaparecias. ‘Permaneço no mundo’”<sup>8</sup>.

A alusão à gruta, sem mais, é referência à *nova chamada* que sentiu em Lourdes, em 1926, numa peregrinação a Lisieux, descrita num texto de 25.2.1931:

“Em Lourdes, N. Senhora fez-me dizer adeus ao mundo e um novo chamamento sentia, sem o compreender, isto em relação a 1926, na volta de Lisieux”<sup>9</sup>.

Nova referência em 11.2.1938:

“Em Lourdes fui chamada em 1926. Em missão divina, investida; pela mesma Virgem; que escolhida foi, para mãe de Jesus e à terra baixou; para salvação da

---

<sup>7</sup> Sílvia Cardoso, *Contemplativa na Acção*, Porto, Lello Editores, 2002, p. 85-86.

<sup>8</sup> Summ. p. 451, n. 203.

<sup>9</sup> Sílvia Cardoso, *Contemplativa na Acção*, Porto: Lello Editores, 2002, p. 39.

Humanidade; (...) Que maravilha, a vossa; que sem eu nada saber, me conduz! Jesus, da minha alma! A Vós a minha alma; se eleva! Singela, flor, aos pés do Senhor! Margarida, aberta; em manhãs de Abril de 1893 – Como Borboleta, voando, em torno da luz, Jesus! Mensageira, levando, a Boa Nova! Emissária, trazendo Jesus; às almas e a sua voz; levando!”<sup>10</sup>.

Finalmente e mais em concreto, a orientação para a Acção Católica:

Em 8.6.1938, na Capela dos Jesuítas, em Lisboa, “toda se consagra à Obra de Amor e Misericórdia, a Acção Católica, para que se cumpram os desígnios de Deus”<sup>11</sup>.

No dia seguinte, no retiro em Fátima, dirigido pelo fundador da Liga dos Servos de Jesus, Sílvia compreende que é necessário “procurar as bases de um novo edifício, para elevar a Igreja no seu prestígio”, mas deve avançar sozinha, e toda a luz que tem a deve comunicar a sua Eminência”. Para o momento, é que a Obra de Jesus deve “ser a alma da Acção Católica (a Obra), corpo com alma, a Rosa na qual todas as pétalas são unidas e formam uma só Rosa, a Rosa do Amor”<sup>12</sup>.

E aqui ficou, nesta compreensão da sua missão, até ao fim da vida, sem ver realizado o sonho de ser religiosa no mundo, para melhor servir a Obra do Amor.

Sinal disto mesmo é o ter-se destacado da fundação religiosa de Maria da Conceição, quando esta recebeu permissão para avançar no sentido projectado em 1947. O grupo que se mantinha fiel à “*união das almas*”, reunia-se em Cascais, mas Sílvia não adere a esta nova fase, que conduziria à sua aprovação em 1965. Continua absorvida na Obra do Amor, que Cristo Cabeça imprime no seu Corpo Místico, a Igreja. E esta deseja concentrar esta união numa só Obra, a Acção Católica. E as Filhas da Cruz, que estão unidas ao Amor por um só Amor, devem dar esta alma à Acção Católica.

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 39-40.

<sup>11</sup> Summ., p. 458, nº 220.

<sup>12</sup> Summ. P. 448, nº 194.

Mantem-se fiel à espiritualidade da Obra de Jesus, pois, se sente chamada a cumprir o voto de vítima numa vocação eminentemente apostólica, e conserva com Maria da Conceição a recíproca amizade, união espiritual e mesmo colaboração, até ao fim da vida.

Concluimos que o seu carisma e vocação – leiga consagrada no mundo, apóstola itinerante da caridade e da evangelização, para a salvação das almas (a Obra do Amor) – é a vocação comum dos batizados, que deve ser transversal a todas as obras da Igreja, por ela institucionalizadas e unificadas.

Chegou aqui através de múltiplas vicissitudes, em que não esteve ausente o seu temperamento activo, audaz, imaginativo, mas providencialmente conduzida pelo Espírito Santo, vicissitudes que foram prova e provação, que sempre soube viver na Fé, na humildade, na fidelidade à sua consagração com votos privados, no sacrifício da sua própria visão e vontade, submetendo-se à orientação dos representantes de Cristo na Sua Igreja.

Por tudo isto, pode dizer-se que foi precursora dos Institutos Seculares, como estado de vida reconhecido e aprovado pela Igreja.

Este carisma veio a ser reconhecido e regulamentado por Pio XII, no ano de 1947, pela Constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia*, depois integrado no Código de Direito Canónico (1983).

A este carisma de vida secular consagrada vem juntar-se a influência do acontecimento-mensagem de Fátima na sua espiritualidade, que a levou a juntar e unir a consagração ao Imaculado Coração de Maria, à consagração já feita ao Sagrado Coração de Jesus.

Eis o que passamos a considerar resumidamente.

## II

### O ACONTECIMENTO-MENSAGEM DE FÁTIMA, NA VIDA E NA ESPIRITUALIDADE DE SÍLVIA CARDOSO

O acontecimento-mensagem de Fátima, fenómeno místico e profético imprevisível, deu um impulso decisivo, naquela época histórica, para a reconstrução do Catolicismo em Portugal, e continuou a ser, até aos nossos dias, fonte de renovação e conversão para a Igreja e para o mundo.

Como viveu Sílvia Cardoso este acontecimento e em que medida a sua mensagem influenciou na sua espiritualidade, ao longo do tempo?

Ela tinha feito a sua consagração a Cristo e ao apostolado, pouco antes da primeira aparição – 1 de Abril de 1917 – dentro da espiritualidade inaciana e da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, e não podia deixar de ser sensível aos sinais de Deus.

Temos de recorrer aos seus escritos espirituais, embora estes tenham sido iniciados apenas em 1928, e a testemunhos.

Mas, genericamente, podemos dizer que considerou providencial esta aproximação de datas e juntou, na sua espiritualidade, a devoção ao Coração Imaculado de Maria à devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

A inclusão da sua consagração ao Coração de Jesus e da sua missão apostólica, juntamente com as Aparições de Fátima, no plano de Deus para uma “nova redenção”, para a Obra do Amor, naquela época histórica, consta claramente de um apontamento da fase final da sua vida e resumo da mesma, datado de 9.9.1946:

“Deus ao mundo baixado, em Amor, em 1917, por Maria: para a sua Obra d’Amor ser vista; para nesse mesmo ano, a 1 de Abril de 1917, no noviciado das Doroteias; ser aberta depois; 21 de Janeiro; aberta a Obra do Amor em 1923, assente a 19.3.32 na Amadora, Quinta do Bosque, onde foi assente a Obra do Amor; para em Cascais; o Quartel General ser vista em 1946”. (Nestas palavras

finais, parece referir-se ao grupo da Obra de Jesus, inspirado por Maria da Conceição, que estava a organizar-se em Lisboa, esperando a permissão para avançar com a fundação de uma comunidade religiosa)<sup>13</sup>.

Por outro lado, há três testemunhos inteiramente credíveis, da presença física de Sílvia em Fátima, desde Outubro de 1917, presença que se vai tornar mais frequente e em ocasiões decisivas para a sua vida espiritual e apostólica, mesmo antes da aprovação da autenticidade das Aparições, em 1930, pelo Bispo de Leiria.

### *O “Milagre do Sol”, duas vezes*

1. Assim, Maria Alice Baptista Pinho e Costa, sua colaboradora em Paços de Ferreira, nas obras sociais e na Obra dos Retiros, desde a juventude, declarou ao Postulador diocesano, a este propósito:

“Desde o início (que a senhora D. Sílvia começou a ir a Fátima), mesmo antes de ser aprovada pela Igreja. Parece-me que ainda estou a ouvir a senhora D. Sílvia a relatar aquele milagre do sol, a falar das muitas pessoas que pediam com fervor junto com as crianças. Disse que presenciou o milagre do sol. Lembro-me muito bem (...)

“Desde que as pessoas não tivessem proibição pela Igreja, ela ia muito assiduamente a Fátima. Sim, (ela conhecia os videntes e hospedava-se lá em casa deles com frequência). Uma vez, em 13 de Maio de 1938, uma pessoa minha amiga encontrou-a em Fátima e disse-me: a senhora D. Sílvia quer que vá ter com ela, às tantas horas, ao portão, para ir comer com ela um caldo verde a casa dos videntes. Mas não cheguei a encontrar a D. Sílvia e não fui.

— Tenho sim, senhor doutor, uma fotografia em que ela está com eles. Tenho-a e ofereço-a, se for preciso.

---

<sup>13</sup> Sílvia Cardoso, *Contemplativa na Acção*, Porto: Lello Editores, 2002, p. 87.

Mais tarde ela teve interferência na Congregação de Nossa Senhora das Dores. Até chegou a meter cá algum tempo uma comunidade religiosa dessa Ordem. Assisti à inauguração da Casa pelo senhor Dr. Formigão”<sup>14</sup>.

Há outra visão do milagre do sol, ou repetição do mesmo fenómeno místico, muitos anos mais tarde, em contexto de peregrinação ocasional a Fátima, com algumas amigas e colaboradoras. Uma delas, Maria Fernanda da Rocha e Brito Bacelar, de Pico de Regalados, Vila Verde, que também testemunhou, como a anterior, no processo informativo da Causa de Canonização, declara em depoimento ao Postulador diocesano:

“Fizemos uma peregrinação a Fátima, creio que em Outubro, não me recordo já do ano. Devia ter os meus 19, 20 anos. (Ia também uma minha irmã). Depois (de parar em Chão de Maçãs) retomámos o automóvel para ir para Fátima. Já estávamos no carro e a senhora D. Sílvia disse: Não veem isto tão bonito? – Não estávamos a ver nada. Mandou então parar o carro e disse: reparem no céu!

E, na verdade, vimos então o sol em forma de cruz verde, um verde lindíssimo. Depois voltou a girar e voltou à cor natural, à própria cor do sol. Começou então a girar até que fez uma cruz branca e, por último, voltando a girar, o sol parecia uma hóstia. Ficou nesse formato. Não vimos a cruz da hóstia, mas mais parecia uma hóstia que o sol. (O céu) estava limpíssimo. O sol muito claro.

Foi uma coisa que nos impressionou muito. Estivemos encantadas a ver. Fazia-se tarde e continuámos viagem, mas vimos sempre, durante uns quilómetros, o sol assim (...).

D. Sílvia dizia: temos de rezar. Isto é um sinal de Deus para nos chamar ainda mais a atenção e para nos avivar a nossa fé. Dali até Fátima não parámos de rezar terços enfiados uns nos outros”<sup>15</sup>.

Por sua vez, Isaura Maria Fernandes Reis Lima, do Porto, declara:

---

<sup>14</sup> Uma Vida para os Outros. Sílvia Cardoso, Paços de Ferreira, 1998, p. 410-411.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 411.

“Foi nessa altura que ela me disse (...) Tenho aqui uma carta que a irmã Lúcia me escreveu há pouco tempo e em que Nossa Senhora lhe apareceu com a cara cheia de manchas escuras de pisaduras (...) e Lúcia lhe perguntou: ‘Ó minha querida Mãe, quem vos fez isso? Ela respondeu: Olha, isto são as ofensas que as mães cristãs católicas portuguesas fazem na minha cara e no meu Bendito Filho, com as pinturas, para estragar a beleza que Deus lhes deu’.

Eu fiquei muito impressionada com aquilo e então ela ia para me mostrar a carta, quando viu que não a tinha, e disse que a D. Maria José Pestana tinha ficado com ela (...)

— Não (tive conhecimento de outros contactos de D. Sílvia com a Irmã Lúcia); ela só me contou isso, embora dissesse que se escrevia com ela”<sup>16</sup>.

### *Visitas frequentes a Fátima*

2. A presença física de Sílvia Cardoso, em múltiplas ocasiões, quer por devoção pessoal, quer por causa de alguma actividade (ajuda na organização de retiros espirituais), é atestada por várias testemunhas e pelos seus escritos espirituais.

Assim, a primeira ida a Fátima registada nos escritos, iniciados apenas em 1928, é precisamente de 5.10.1928, quando já estava integrada, pelo voto de vítima e pala *união das almas*, na Obra de Adoração e Reparação, a Obra de Jesus, e empenhada na compra da Casa Amarela, para sede no Porto. Foi a Tuy, por causa do assunto – a mudança da casa de Cedofeita para a nova casa. E escreve:

“Viemos de Tuy a 8, indo a Fátima a 12, sem contar, ali senti claramente:

— Sobre ti farei a minha Obra. (...) Tudo quanto se tem passado é uma cadeia de graças. Que amanhã 13, se firme tudo e as bênçãos caiam em abundância, para que na festa de Cristo Rei com as bênçãos do país inteiro, que pelos

---

<sup>16</sup> Ibidem, p. 410.



Prelados vai ser consagrado, o nosso Portugal ressurja e graças abundantes chovam sobre a Obra, abrindo-lhe Nosso Senhor o caminho (28 de Outubro). Nesta altura havia enormes dificuldades; esteve para fechar a casa de Cedofeita”.

E a seguir, a primeira consagração da Obra a Nossa Senhora de Fátima:

“Virgem de Fátima. Nesse torrão abençoado, aos pastorinhos quiseste aparecer. Chovam do Céu todas as graças e bênçãos; pelo nosso Rosário, Senhora! A Obra é vossa. Por vós foi iniciada. (...) Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, filhas vossas. Como escravas e servas vossas nos consagramos e ao vosso Filho, nos entregamos. Para a sua Obra, toda de amor e Misericórdia!”<sup>17</sup>.

Esta consagração é renovada em 18.1.1931, após a cisão da Comunidade da Casa Amarela e do grupo de *almas vítimas*, consagradas a Maria “que veio a Fátima para a salvação de Portugal”, ao qual Sílvia se manteve unida. Concebe a Obra dividida em três ramos, competindo-lhe a função de *Divina Pastora*, que percorrerá o país guiando, em fileira, as apóstolas, missionárias, consagradas a Maria, que desceu à terra em missão salvífica.

Passa de novo em Fátima, em 1932, depois de instalar a casa de Retiros na Amadora.

Em 1938, num retiro que fez em Fátima, Sílvia compreende que a Igreja tem necessidade de procurar as bases de um novo edifício, para elevar o seu prestígio na sociedade, e tem necessidade da Acção Católica e que a Obra de Jesus deve ser a alma da Acção Católica. Compreende que está a iniciar uma nova fase, que prepara a conclusão final, iniciada pela Virgem de Fátima, isto é, a conversão dos corações a Seu Filho.

Pouco depois, sente que deve chamar todas as Congregações, para que a Obra de Jesus seja elevada. Aqueles que vivem no Coração de Jesus farão a sua Obra,

---

<sup>17</sup> Sílvia Cardoso, *Contemplativa na Acção*, Porto: Lello Editores, 2002, p. 46-47.

a fim de que, por Ele, neles se estenda sobre a terra a Sua maior Obra, jamais vista: o seu Amor, a sua Misericórdia.

Mas, continua a pensar, entre as Religiosas, as suas Missionárias do Coração Misericordioso de Jesus e de Maria, filhas escolhidas de Maria, porque filhas da Cruz, apóstolas do Coração de Jesus, que andarão duas a duas, levando a Boa Nova a todas as almas e, últimas a chegar, serão as primeiras do Seu Reino.

### *Mística da Obra do Amor*

3. A partir de 1944 sofre um entendimento mais alargado: a Obra de Jesus universaliza-se e transcendentaliza-se na Obra do Amor, que deve ser levada a todas as obras do mundo.

A luz vinda do Coração Imaculado de Maria, em Fátima, é dada ao mundo, a fim de que lhe seja dada nova vida. Portanto, os Filhos da Cruz, unidos aos Servos de Jesus (as duas obras em que Sílvia militava, as primeiras em que se integrou), devem andar todos, mão na Mão, a formar um só Cordão e a servir todas as obras.

Até final, Sílvia manter-se-á fiel a esta missão de fazer compreender e unir todas as Obras, para que o Amor de Jesus em Obra seja visto numa só manifestação de Amor: a união junto da Cruz; a Obra do Amor levará a Humanidade em Deus a viver numa só Obra, a viver em união de Amor. É a Obra fundada sobre a Virgem de Fátima; o centro da Obra é o Coração Imaculado de Maria, desde 1937.

Sente que a Obra não é compreendida, mas também não é abatida, apesar das provas a que vem sendo sujeita, incluindo a de ser desligada da direcção da Quinta do Bosque, o Palácio do Amor, a escola de Amor aberta a todos.

Em 1947, a Obra inspirada por Maria da Conceição Pinto da Rocha recebe a permissão de se organizar para ser aprovada superiormente, mantendo a espiritualidade sacrificial do voto de vítima. O seu reconhecimento virá bastantes

anos mais tarde, já depois da morte de Sílvia e da Fundadora (1965). Mas não desiste do seu apostolado na condição laical, em estreita colaboração com a Hierarquia da Igreja, dando-se a novas obras sócio-caritativas e de evangelização, como as casas de retiros e a Acção Católica.

E chega a uma concepção teológico-mística do Mistério de Deus uno e trino, e da História da Salvação, que se exprime em textos a merecer estudo aprofundado como este:

“A Obra mais maravilhosa! A do Amor! A Vida de Deus! A que n’Ele nos torna! Ele! A própria Vida, na Sua Obra! Tesouro divino que nos foi dado, para a todos ser passado!”<sup>18</sup>.

Ainda em 1947 participou na missão ao Alentejo, destinada a preparar e acompanhar a visita da imagem de N. Senhora de Fátima, a convite do Arcebispo de Évora. Foram muitas as terras que evangelizou e muitos os baptismos e casamentos que se realizaram.

Por fim, a 10.5.1950, o último 13 de Maio da sua vida, escreve à Superiora do Patronato de Espinho, por ela fundado dois anos antes:

“Minha boa Madre Superiora: sempre vou a Fátima, embora esteja pouco bem. Veremos o que N. Senhora quer de mim”<sup>19</sup>.

## CONCLUSÃO

GRANDE APÓSTOLA DE PORTUGAL; LEIGA CONSAGRADA ITINERANTE;  
PRECURSORA DE NOVAS ORGANIZAÇÕES APOSTÓLICAS; MÍSTICA DA OBRA DO  
AMOR.

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>19</sup> Summ. P. 641, nº 608.

A fonte destas citações e informações, indicadas pela abreviatura “Summ.” (Sumário), é a biografia e a informação sobre as virtudes da Venerável Serva de Deus, redigidas pela Dr.a Maria Silvina Palmeirim, para o processo informativo, destinado à Congregação das Causas dos Santos, onde se encontra até ao fim da Causa de Canonização.

1. Dos testemunhos invocados na primeira parte, conclui-se que foi relevante e singular o contributo apostólico de Sílvia Cardoso para a renovação do Catolicismo em Portugal, desde 1917 até 1950. Favoreceu-a claramente a situação político-religiosa criada pela Republica nova de Sidónio Pais e foi decisivamente impulsionada pelo “milagre” de Fátima, acontecimento – mensagem, místico e profético, de alcance universal para a Igreja e para o mundo.

Margarida Pinto de Mesquita, em visita conjunta ao Cardeal Cerejeira, diz-lhe: “Senhor Cardeal, venho buscar a Sílvia para o Norte, porque a Sílvia não é do Sul; a Sílvia é do Norte”.

O Senhor Cardeal respondeu-lhe: “A Sílvia não é do Norte, nem do Sul; a Sílvia é de Deus (...)”<sup>20</sup>.

Maria Adelaide Meireles, outra colaboradora de Sílvia, a propósito da singularidade do seu apostolado itinerante e universal, por vezes considerado imprudente e desorganizado, confessa: “Para mim, o que dela disse o Senhor Cardeal Cerejeira, que tão bem a conhecia e admirava é uma grande verdade:

“Sílvia há só uma que é santa; Mas se alguém tentar imitá-la é louco”<sup>21</sup>.

A “grande apóstola da caridade” contactou e colaborou no seu labor apostólico com quase todos os “santos” de Portugal, naquele tempo:

O Servo de Deus P.e Francisco Cruz (Lisboa); o venerável SdD D. João de Oliveira Matos (Bispo auxiliar da Guarda); a Serva de Deus Maria da Conceição Pinto da Rocha (Viana); a venerável SdD Irmã Maria Isabel da Santíssima Trindade (Évora); D. Manuel Mendes da Conceição Santos (arcebispo de Évora); Servo de Deus Frei Bernardo de Vasconcelos (O.S.B: - Singeverga, Porto); Servo de Deus P.e Américo Monteiro de Aguiar (Porto); Servo de Deus P.e Manuel Formigão (Fátima); Serva de Deus Irmã Lúcia dos Santos (Fátima).

---

<sup>20</sup> Uma Vida para os Outros. Sílvia Cardoso, Paços de Ferreira, 1998, p. 99.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 427.

2. Sílvia Cardoso cedo viu e valorizou a aproximação de datas das Aparições e da sua consagração ao Coração de Cristo e ao apostolado cristão, incluindo-as no mesmo plano de Deus para a Igreja em Portugal e para o mundo, naquela época histórica.

Os tópicos espirituais da mensagem de Fátima – oração, sacrifício, conversão dos pecadores – eram os mesmos que inspiravam já a Liga de Acção Social Cristã e o Apostolado da Oração, impulsionados pela Companhia de Jesus, a sair do exílio espanhol, desde 1922, e constituíam o cerne da Obra de Adoração e Reparação, a partir de 1924.

De 1917 até 1928, Sílvia entrega-se, com dedicação total de pessoa e de bens, ao apostolado individual e institucional – obras sócio-caritativas e de evangelização – sempre na condição de leiga, consagrada por votos privados, no mundo. Em 1925, integra-se formalmente na primeira associação laical de apostolado – a Liga dos Servos de Jesus, na diocese da Guarda e nela se mantém, com contactos frequentes, até ao fim da vida.

Em 1928, adere à Obra de Adoração e Reparação já sediada no Porto, como colaboradora externa, e ao projecto de fazer dela uma nova Congregação religiosa de “*almas vítimas*”: colabora intensamente na sua instalação e crescimento.

Este projecto não teve aprovação superior em Roma, por questões teológicas. Mas Sílvia não se desligou. Não ficou, porém, inactiva. Foi atender ao chamamento da Hierarquia (D. João de Oliveira Matos, D. Manuel G. Cerejeira, D. Manuel da Conceição Santos), fazendo a expansão da Obra dos Retiros fechados para leigos pelo norte, centro e sul do país, com o fim de animar a Acção Católica, criada pelo Episcopado Português em 1932.

Mantem-se neste novo rumo até 1945, voltando, desde 1947, à acção individual das obras de caridade e dos retiros.

Em 1947, quando a Obra de Adoração e Reparação recebe permissão para avançar no sentido de fundação religiosa, destaca-se dela, não renovando o compromisso de longa data.

Mantem-se na condição laical, não tanto por opção, como por força destas vicissitudes, e guiada pelo Espírito Santo, mantém-se fiel ao seu esforço de perfeição espiritual e de participante na missão da Igreja, sem abandonar a condição laical, embora consagrada privadamente e vivendo no mundo.

Neste sentido foi precursora dos Institutos Seculares, aprovados e regulamentados pelo Papa Pio XII, em 1947 e das Sociedades apostólicas (CDC. 1983). Precisamente quando estava a terminar a sua itinerância apostólica de “farrapeira de Deus” e de “aventureira de Deus”.

3. A sua humildade, o seu desprendimento e caridade, a sua consagração e união mística ao Coração de Cristo e ao Coração de Maria, a sua docilidade aos sinais do Espírito, fizeram dela a Mística da Obra do Amor, de Deus que é Amor em Obra, toda de Amor e Misericórdia. Amor eterno em Obra eterna.

Ângelo Alves

Vice-postulador